

2015/04/01

## Crise na Ucrânia: O confronto geopolítico da Europa<sup>1</sup>

*José Neto Simões<sup>2</sup>*

**“É sempre mais fácil entrar num conflito do que sair dele...”** (Espírito Santo, General)

### 1. ENQUADRAMENTO

Vivemos a maior crise da Europa depois da Guerra-fria, que põe em causa as fronteiras territoriais estabelecidas e altera a ordem internacional acordada através do Tratado de Budapeste (1994)<sup>3</sup>. Nesse acordo, a Ucrânia aceitou a desnuclearização militar pela sua independência e integridade territorial sendo, talvez, a questão mais decisiva na ordem internacional do pós Guerra-fria e um dos pilares dos equilíbrios regionais e internacionais relacionados com o equilíbrio das potências nucleares e a defesa das fronteiras da Europa – Moscovo sabe bem o que isso significa – sendo um compromisso que empenha os EUA, Rússia, Reino Unido, França e China. Porém, Moscovo considera que o reforço da presença da NATO perto das suas fronteiras é uma violação do Acto de Helsínquia de 1997<sup>4</sup>.



Um confronto geopolítico, de dimensões imprevisíveis, por áreas de influência entre a Rússia e os EUA pela reemergência da Rússia como potência da Eurásia, onde os americanos não querem ver China e Rússia fortalecer alianças. Por outro lado, a desorganização de referências, significa que existe descontrolo político e irracionalidade com a escalada em confrontos armados.

<sup>1</sup> O presente artigo é a versão completa do publicado no Jornal “Público”, n.º 9065 de 08 de Fevereiro de 2014.

<sup>2</sup>Capitão-de-Fragata SEF (Reserva).

<sup>3</sup> Tratado assinado em 1994 entre a Ucrânia os EUA, a Rússia, o Reino Unido (mais tarde a França e China também subscreveram), que termina a desnuclearização militar da Ucrânia como Estado nuclear (3ª potência nuclear), após a implosão da URSS aceitando dispensar aquilo que seria o garante da sua independência e integridade territorial em troca de um acordo validado pelo Direito Internacional.

<sup>4</sup> Foi assinada por 35 países sendo o ponto de partida da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE). O documento foi visto como um passo significativo para reduzir as tensões da Guerra-fria e como um triunfo diplomático da União Soviética, devido às cláusulas de inviolabilidade das fronteiras nacionais e ao respeito pela integridade territorial. Todavia, o Kremlin viu igualmente na iniciativa uma forma de destruir a unidade atlântica, ou seja a NATO, propondo aos vizinhos do “velho continente” como alternativa um sistema pan-europeu de segurança colectiva.

O confronto visa um reordenamento no antigo espaço soviético – que a Rússia prossegue e que o Ocidente contesta – que põe em causa a ordem euro-atlântica criada com o fim da hegemonia soviética sobre a Europa de leste, a queda do muro de Berlim e a implosão da União Soviética. Em 2005, Putin declarou que o “*fim da União Soviética tinha sido a maior catástrofe do século XX*”. E a estratégia de “vizinhança próxima” arquitetada para restabelecer a esfera de influência russa correspondeu a uma série de conflitos muito incómodos para o Ocidente, que ignorou.

A anexação da península da Crimeia (predominantemente russa), que acabou por ser absorvida, era uma parte do plano para a Rússia controlar a esquadra do mar Negro, que lhe confere a única saída para o Mediterrâneo. Foi aberto o precedente necessário para desestabilizar e dominar o Leste e Sul da Ucrânia – reconstrução da “Nova Rússia”<sup>5</sup> que garante 15% do PIB do país - mantendo uma Ucrânia fraca e, se necessário, “ingovernável” de forma a assegurar a sua dependência recuperando os meios necessários para se tornar um Estado imperial poderoso, influenciando Europa e Ásia.

Ucrânia (significa “fronteira”) é um país da Europa Oriental que cobre toda a fronteira sudoeste da Rússia e é essencial para a sua segurança nacional. Kiev é o berço da pátria russa desde o século IX com as suas histórias entrelaçadas. Mas a Rússia na realidade não pode ser considerado um país europeu, porque a sua política actual não é europeia. A sua política funda-se no conflito da Europa sendo, por isso, um país entre o Oeste e Leste.

Contudo, a Ucrânia não tem unidade nacional coerente porque existe uma profunda divisão história, cultural<sup>6</sup>, linguística (75% fala ucraniano e no Leste 25% fala russo) e “politização da etnicidade” sem nunca ter sido resolvida a crise de identidade nacional. O País é controlado por clãs oligarcas manipulados pelo Ocidente e Rússia com uma economia depauperada.

Desde a independência, em 1991, que a Ucrânia não consolidou a sua soberania, porque está espartilhada não só entre os laços culturais e linguísticos mas também pela dependência energética e económica da Rússia. Além do mais, o desafio das circunstâncias agressivas da globalização e alteração dos centros de decisão quanto às intenções obrigou Putin a considerar na sua doutrina que as fronteiras de interesses da Rússia transpunham as geográficas.

## **2. ESTRATÉGIA DOS EUA E OS CONFLITOS DE INTERESES**

Os EUA têm seguido a geoestratégia de *Brzezinski* que incentiva o domínio da Eurásia (Ilha Mundial) – com base na teoria geopolítica do *Heartland*<sup>7</sup> de

<sup>5</sup> A indústria de minério na Ucrânia emprega 500 mil pessoas e garante 15% do PIB do país. O carvão representa 30% do consumo de energia do país. E o oligarca Rinat Akhmetov considerado o homem mais rico da Ucrânia, é um dos 100 mais ricos do mundo (cerca de 11 mil milhões de euros), tem um império na siderurgia que emprega 300 mil ucranianos e é dono do clube de futebol Shakhtar Donetsk.

<sup>6</sup> Ao nível religioso existem também fracturas visíveis entre Igrejas dos 3 ramos Ortodoxos (ucraniana do patriarcado de Kiev, ucraniana do patriarcado de Moscovo e Autocéfala ucraniana), católica e uniatas fiéis a Roma.

<sup>7</sup> *Heartland* (Halford Mackinder) é a teoria geopolítica clássica de que a lógica poder terrestre *versus* poder marítimo ainda fazem parte da disputa geoestratégica mundial. Mackinder, situou o Heartland (“Coração da Terra”) na zona territorial que abrange o continente europeu e asiático, e que recebe a

Mackinder - mantendo a Ucrânia longe da Rússia. E incentiva a necessidade de dominar a Eurásia em que a Ucrânia é o centro geopolítico que é necessário manter longe da Rússia: "*Sem a Ucrânia, a Rússia deixa de ser um império*". A Ucrânia constrói ou destrói a própria imagem da Rússia<sup>8</sup>.

Nesse sentido, os americanos têm desenvolvido iniciativas ardilosas para instalar o seu poder na região, através de inúmeras agências e organizações não-governamentais tendo em vista influenciar e recolher informações estando identificadas ligações à "Revolução Laranja" de 2004. Desde 2012, a UE e, em especial, a Alemanha passaram a intervir no processo visando a influência europeia. Por outro lado, "o erro fundamental desta crise vem da política da UE a favor de um tratado de associação" que Bruxelas queria assinar ignorando o facto de a Ucrânia ser um país profundamente dividido e da Rússia ver nesse acordo uma mudança radical da orientação política ucraniana.

O apelo ao multilateralismo e à legitimidade internacional são os únicos instrumentos para tentar conter os que desafiam a paz desde a doutrina *Monroe*. E em Obama a palavra deixou de ter poder ao usar a demagogia: "*o dia dos Impérios e das esferas de influência acabaram*". Política do cinismo.

Os perigosos conflitos de interesses não foram devidamente avaliados pela leviana liderança da UE ao tentar a aproximação manipulada à Ucrânia - estrategicamente decisiva para a Rússia -enquanto a NATO impunha o polémico sistema de defesa antimíssil, que a Rússia tem o direito de encarar como uma ameaça vital à sua segurança nacional. "*Quando um bloco militar se move em direcção às nossas fronteiras, isso causa preocupação*" (Vladimir Putin).

A UE e EUA esquecem que a desconfiança de Putin em relação ao Ocidente que tirou partido das fragilidades da URSS – excessiva cooperação da Rússia e promessas sobre o não-alargamento da NATO a Leste – levou a tratar a UE como um concorrente directo incluindo-a numa estratégia ocidental que visa separar os "vizinhos próximos" da Rússia. Além do mais, Durão Barroso como presidente Comissão Europeia falhou na gestão política com a Rússia o que contribuiu para o seu afastamento. A partilha entre os serviços de informações ocidentais (EUA) e UE demonstrou ser deficiente para as exigências da política externa e da diplomacia.

Moscovo utiliza a "arma da energia" como principal "alavanca de pressão" para o controlo sobre Kiev<sup>9</sup>. É também um instrumento político e diplomático *hard power* que vai para além do *soft power* controlando o mercado europeu. E a UE

---

denominação de Eurásia ou Ilha Mundial. A partir da teoria de Mackinder, pronunciou, em 1904, que o controlo dos mares deixava de representar o poderio das nações marítimas e a supremacia do poder naval. O Estado que controlasse todo o Heartland poderia tentar obter saídas para mares abertos e tornar-se uma potência marítima que poderia dominar a Ilha Mundo.

<sup>8</sup> DREZNE, Dan - escreveu no *Foreign Policy*: "**a Rússia sem a Ucrânia é um país; a Rússia com a Ucrânia é um império**". Drezner é professor americano de política internacional na Escola *Fletcher* de Direito e Diplomacia na Universidade Tufts sendo autor de livros e artigos de opinião.

<sup>9</sup> Quase 80% de gás russo para a Europa são feitas através de gasodutos que passam pela Ucrânia. Putin não descarta a procura de alternativas, e com esta guerra assegura o controlo da região do mar Azov, que faz a ligação à península da Crimeia.

parece dividida quanto à política energética – sem um mercado único competitivo – tendo Moscovo desistido do seu gasoduto para a Europa do Sul<sup>10</sup>.

O erro histórico do Ocidente foi ignorar a Rússia com o estatuto de grande potência que se quer afirmar e a geografia lhe confere ao agir pela geopolítica - a batalha pelo espaço e poder - mantendo a independência estratégica ao nível nuclear que limita a vontade de poder ilimitado de Washington. E Obama tem cometido o erro sistemático de menosprezar e apoucar a Rússia que é sempre tratada como uma potência regional decadente. Mas não deixa de colocar um tremendo desafio à NATO e UE, que Washington não pode ignorar.

A Rússia profundamente nacionalista deseja recuperar uma esfera de influência regional e vê os EUA e UE como adversários ou inimigos. Na recente doutrina militar russa – endurecimento perante os inimigos - a NATO representa a maior ameaça à segurança nacional. E assinala um novo tipo de ameaça que tem a ver com “emergência de redutos de tensão interétnica”; “as operações de grupos estrangeiros radicais” ou de “empresas militares privadas em áreas adjacentes à fronteira Russa”<sup>11</sup>.

### **3. A GUERRA DAS SANÇÕES E A “NOVA GUERRA-FRIA”**

Foi empreendida uma guerra virtual com a Rússia e os EUA. Se necessário estará preparada para travar uma guerra em território ucraniano. Para isso, interessa repetir a estratégia que liquidou a União Soviética – mas não o Estado russo cujo nacionalismo de Putin recuperou. Os EUA sabem bem a influência que o Ocidente teve no desmembramento da União Soviética.

Assim, numa primeira fase, através de fortes sanções económicas interessa esgotar o poderio russo mediante o estrangulamento económico – que se encontra em situação de grande fragilidade - para mais fácil vencer militarmente. Porém, as sanções estão a dividir a UE<sup>12</sup> e são como uma escada, pois já não restam muitos degraus a subir.

---

<sup>10</sup> Terão sido pressões feitas pela UE sobre alguns países, designadamente a Bulgária. Projecto lançado em 2007 e previsto entrar em funcionamento em 2016 ao longo de 3600 Km. Afectará países dos Balcãs, Itália, Hungria e Áustria.

<sup>11</sup> Para ultrapassar as vulnerabilidades das FA ucranianas, foi contratada a empresa americana de segurança privada “**ACADEMI**” que estão a combater as milícias pró-russas. Empresa **ex Blackwater** dos EUA que constitui um pequeno “exército” bem equipado – estão a combater **as milícias pró-russas** no sudeste da Ucrânia. Aquela empresa é formada por mercenários paramilitares de forças de elite (Marines e Seals) e actuam, por vezes, em coordenação com a CIA (*New York Times*, 2009. Os polacos - inimigos históricos dos russos - estão perigosamente muito activos com infiltração em território ucraniano (STRATFOR).

<sup>12</sup> As maiores empresas europeias e mundiais de energia têm importantes investimentos na Rússia como a BP do Reino Unido e grandes empresas de gestão de infra-estruturas de gás da Alemanha, Holanda e França. Na sensível praça financeira de Londres estão cotadas 70 grandes empresas russas de hidrocarbonetos, que fará uma enorme resistência. Por último, hoje em dia há formas sofisticadas de ultrapassar as sanções impostas. E há também a prevenção com o acautelamento do impacto financeiro, como foi o caso da Rússia, que antes da crise se desencadear terá retirado cerca de 120 mil milhões de dólares dos investimentos feitos nos EUA.

A actual lista de sanções pode ter um impacto macroeconómico significativo que as projecções e as análises do sentimento de mercado não conseguem captar<sup>13</sup>. A revisão em baixa das perspectivas de crescimento da economia russa deixa-nos perplexos com 1,1% em 2014 para uma taxa de crescimento, apesar de positiva, de 0,2% em 2015<sup>14</sup>. Conforme o Banco Central russo, o valor de mercado das reservas do país em moeda estrangeira era de 478 mil milhões de dólares no final de Junho. Mas para serem utilizadas terão de passar por sistemas de pagamento nos EUA e na UE. Se ambos optarem por uma “guerra financeira com a Rússia”, essas reservas poderão ser bloqueadas.

De facto, ao Ocidente as sanções económicas e financeiras são um instrumento para punir Moscovo e obrigar Putin a negociar uma situação política. Porém, na prática não funcionam como a alavanca de pressão pretendida, porque os interesses americanos e europeus neste domínio divergem.

A UE nunca poderá estar unida na aplicação de sanções que os EUA pretendiam à eficácia de uma intervenção militar, a que Obama deixou claro não recorrer. Com custos pesados em economias tão interdependentes, a ameaça de sanções económicas, sem encarar a alternativa diplomática, o que fazem é radicalizar ainda mais o conflito e empurrar para a Rússia os ucranianos que dele se querem libertar. Talvez isto fosse o mal menor para uma Ucrânia com a economia em colapso.

Por outro lado, o Kremlin já terá concluído que ceder na Ucrânia corresponde a um suicídio político ao nível interno, que Putin não admite e aposta na falta de unidade da UE que assegure a coesão política para manter as sanções por muito mais tempo como os indícios o demonstram. O apoio do governo de Atenas e da Hungria<sup>15</sup> e de 75% da população alemã é visto apenas como o início deste processo de fragmentação.

Para se ganhar algo de importante – segurança do Ocidente – tem que se fazer cedências senão teremos uma espécie de “Guerra-fria preventiva”. Este novo período é uma reminiscência da Guerra fria, mas difere em aspectos importantes. A situação de hoje tem um componente de valores importantes, mas não é tão focado na ideologia como o conflito entre o comunismo e democracia liberal. Tem também uma dimensão militar tradicional, mas este aspecto não é ainda dominante. A crise actual tem implicações globais, mas, por si só, não é central para o sistema global. O mais importante, ao contrário da Guerra-fria, a crise actual não é o princípio organizador de qualquer política mundial ou mesmo as políticas externas dos principais competidores do conflito, em particular a dos EUA.

Mas o Ocidente precisa da Rússia para a resolução de outras crises. Os principais inimigos contra o terrorismo são comuns ao Ocidente e Rússia sendo o califado do Estado Islâmico a mais séria ameaça à segurança europeia. A cooperação da Rússia será sempre necessária à estabilização no Mediterrâneo e Médio Oriente: Irão, Síria e Líbano.

---

<sup>13</sup> [http://economico.sapo.pt/noticias/o-impacto-das-sancoes-a-russia\\_198916.html](http://economico.sapo.pt/noticias/o-impacto-das-sancoes-a-russia_198916.html)

<sup>14</sup> Considerando a última actualização *World Economic Outlook* do FMI.

<sup>15</sup> <http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/>

Para Putin controlar os separatistas pró-russos alguém terá de retirar o apoio aos partidos de grupos neo-nazis e agentes de serviços de informações e segurança infiltrados que estão no terreno com acções subversivas para obrigar os separatistas a reagir<sup>16</sup>.

O duelo das sanções económicas pela interdependência económica divide os europeus e não consegue isolar a Rússia como pretendiam os EUA. Por isso, a sua pior derrota é a queda do preço do petróleo.

Parece haver contornos de “guerra económica” - concertada entre Arábia Saudita e EUA – com reflexos no Estado Islâmico e na economia russa mais vulnerável, que conduza à queda do regime como aconteceu no passado. Mas a radicalização pode atingir o nível indesejável que convença Putin ser a guerra mais desejável. Jogos perigosos. Para os americanos é fácil começar guerras na terra de outros ou insuflar revoluções para controlo da energia.

#### **4. UNIÃO ADUANEIRA ECONÓMICA EUROASIÁTICA E A CONTENÇÃO UNIÃO EUROPEIA-EUA**

Putin forçou a Ucrânia a rejeitar o acordo com a UE, porque pretendia a sua integração na União Económica Euroasiática (UEA)<sup>17</sup> recentemente criada – prevê a criação de moeda única –, sendo um projecto de cooperação orientado para o espaço pós-soviético como forma de travar a expansão do Ocidente para Leste numa clara intenção de facilitar as ligações comerciais. E é visto como ameaça no Ocidente.

Aquele projecto entrou no centro da política externa russa para expandir suas relações comerciais e políticas no espaço pós-soviético. A nova aliança pode emergir como um dos pólos do mundo moderno, servindo como ligação entre a Europa e o Extremo Oriente. A UEA poderá ser mantida unida numa Europa que necessita de ser mais democrática de um lado e uma China mais dinâmica de outro.

A UE com a “política europeia de vizinhança” não soube gerir a relação com a Ucrânia e Rússia repetindo, ao nível estratégico, os erros irreparáveis cometidos na economia. Além do mais, os EUA e UE intervieram desastrosamente, reconhecendo um governo que resultava de legitimidade democrática duvidosa.

A Rússia tirou partido com a iniciativa estratégica, que reclama o controlo da sua fronteira de segurança. Estão em jogo interesses vitais – controlar o corredor ucraniano de acesso à planície europeia e desta ao coração russo e ao mar Negro. Porém, a “Paz quente” das fronteiras dos interesses exigem intervenção de diplomacia de verdadeiros estadistas para evitar o risco de se transformarem em fronteiras geográficas pela irrupção de irracionalidade.

---

<sup>16</sup> Conforme cruzamento de dados dos Serviços Secretos da Rússia (FSB) e Serviços de Informações Ucranianos (SBU) <http://br.sputniknews.com/> e agência Interfax. O organismo para as informações de Defesa (*Defence Intelligence Agency*) concluiu que o envio de armamento letal não pode ser concretizado a tempo de conter a progressão dos separatistas pró-russos e que “não vai alterar o equilíbrio militar das forças no terreno” (STRATFOR).

<sup>17</sup> O novo bloco económico conta com três Estados (Rússia, Cazaquistão e Bielorrússia), cobrindo 15% da superfície terrestre, aproximadamente 20 milhões Km<sup>2</sup>, e uma população que ronda os 170 milhões.

A crise da Ucrânia é consequência ainda da crise identitária da NATO e de segurança na UE – que ninguém parece estar interessado em resolver – e também o resultado do falhanço da política externa dos EUA. Obama quis privilegiar as relações com a Rússia (“reset”), mas a “parceria estratégica” foi seriamente comprometida com tentativas de alargamento da NATO (Geórgia e Ucrânia) e imposição do sistema antimíssil na Polónia.

A Alemanha percebeu que o mundo não se reduz à geoeconomia deixando de acreditar no “princípio da mudança através da integração, da convergência e do comércio em que acreditava serem as bases do seu relacionamento com o mundo”<sup>18</sup>. Em contrapartida a ausência da liderança britânica permite concluir que pretendem acabar com a sua influência no Mundo. As “provocações” Ocidentais geraram uma Rússia antiocidental e nacionalista que levou também a mudanças significativas na geopolítica europeia.

Obama tem conseguido liderar a resposta ocidental minimizando as divisões europeias com as quais Putin contava. Mas Merkel enfrenta hostilidade interna, pois a maioria não quer ouvir falar em conflito com a Rússia. O antigo chanceler alemão Gerhard Schroeder<sup>19</sup> apela inclusive a uma nova política para o vizinho do Leste e insistindo na “legitimidade” das preocupações russas.

Neste contexto, vale a pena lembrar, que a economia alemã está muito mais interligada com a russa – terceira mais importante - do que com os outros países europeus<sup>20</sup>. Toda a economia russa depende, essencialmente da exportação de petróleo e gás natural e também de cereais. Mas a Alemanha sabe que um corte de fornecimento, em retaliação contra as sanções, obrigaria os alemães a procurarem fontes alternativas, que são muito dispendiosas, pelo que as cerca de 6,000 empresas e toda a economia se iriam ressentir, onde existem cerca de 300,000 empregos alemães que dependem dos negócios russos<sup>21</sup>.

## **5. SEGURANÇA E DEFESA DA EUROPA E O PAPEL DE PORTUGAL**

A Europa está rodeada de crises e passou a ser ela própria a crise - produtora de crises como a da Ucrânia - com contradições insanáveis e clivagens na geografia dos povos, que conduz à desconfiança e rejeição do projecto de unidade europeia. E com as elites europeias burocratas sem pensamento político e sem visão de conjunto sobre o futuro, com os “interesses comuns” deslaçados ou inexistentes, não é possível evitar a sua fragmentação. Desafio à sua relevância e à segurança.

---

<sup>18</sup> BURAS, Piotr no site do European Council on Foreign Relations.

<sup>19</sup> A Gazprom é a maior empresa russa estatal e de gás detendo 74% da produção, cujo administrador é Schroeder, que duas semanas antes de sair do poder terá assinado um acordo (cerca mil milhões de euros) sobre o gasoduto *Nord Stream*, para transportar gás russo para a Alemanha, através do mar Báltico sem ter que passar por outros países.

<sup>20</sup> Os alemães exportam para a Rússia maquinaria (23 %), automóveis e peças, (22%), e produtos químicos (14%); Importam 40% de gás natural e 35 % de petróleo.

<sup>21</sup> As necessidades europeias (20 a 30% vão continuar a ser satisfeitas pela Rússia, até que se operacionalize a **Parceria Transatlântica** entre os **EUA e EU**. Só então a Europa começará a sentir os efeitos da diversificação de fontes energéticas,

Os líderes autistas das instituições europeias não sabem lidar com as incertezas do mundo de hoje e deviam saber encarar as Forças Armadas (FA) como importante instrumento da segurança nacional e de uma Política Externa com dimensão. Só assim é possível responder às complexas ameaças, que ultrapassam as fronteiras geográficas. A renovação da arquitectura de defesa da UE constitui uma prioridade, sem condicionar a soberania da intervenção autónoma dos Estados membros, e tendo presente que a Defesa Nacional não é um milagre!

Uma das soluções para que a UE possa contribuir para a produção de segurança global – passando a ser um actor credível na ordem internacional –, principalmente nas suas áreas de interesse, passará pelo apoio à construção de alianças regionais e globais mais consistentes, pelo investimento em instituições internacionais e por se transformar numa UE com maior nível de integração, permitindo uma melhor coesão política dos Estados membros. Ou seja, deixar de ser “o anão político”. Para isso, os novos líderes das instituições europeias terão de construir de uma política de segurança e defesa europeia com uma articulação de acordo com a respectiva estratégia europeia.

Mas sem um Conceito Estratégico comum – há muito reclamado –, a UE não poderá aspirar a ser uma unidade geopolítica e será impossível os seus Estados membros alinharem os objectivos e vectores estratégicos (para onde pretendem ir) de acordo com os Estados e aquilo que somos, no espaço, multicultural europeu, população, recursos e estruturas para avaliar capacidades, potencialidades e vulnerabilidades (ameaças e riscos), tendo em conta o ambiente estratégico prevalecente e previsível.

Contudo, o quadro estratégico determina que os compromissos vão passar a ser muito mais exigentes numa UE fragmentada em que a solidariedade deixou de estar em exercício também ao nível da segurança pela inacção dos burocratas europeus. E Portugal faz parte de uma região com instabilidade latente em que a UE terá que assumir maior esforço na defesa<sup>22</sup>, face à alteração estratégica dos EUA e da NATO. No entanto, perante este mundo caótico os governos europeus por orientação perigosas do ministro alemão da “austeridade” (Schauble) insistem em reduzir as despesas com a defesa, interferindo de forma inaceitável na soberania dos Estados.

A NATO está confrontada com uma ameaça à segurança dos seus membros para a qual deixou de estar preparada, mas terá de voltar a ser dissuasora e credível. Está a deslocar forças para os países mais vulneráveis – Bálticos e manter o controlo do espaço aéreo – e inicia-se o processo de pré-posicionamento no

---

<sup>22</sup> O ex secretário-geral da NATO, *Anders Fogh Rasmussen*, apelou em 2011 para que os países da UE investissem mais em defesa apesar das restrições económicas, sob o risco de comprometerem a parceria militar com os EUA. **“A retracção do investimento poderá fragilizar laços de solidariedade e comprometer a capacidade dos países europeus para agir sem envolvimento norte-americano”**. Segundo um relatório NATO as despesas militares corresponderam a 60% dos gastos militares globais em 2011, e devem cair para 50% em 2014. Ainda recentemente **Obama enviou a Bruxelas** a sua embaixadora da ONU (Samantha Power), para insistir com os **aliados que têm de partilhar o esforço militar** e não contar apenas com o apoio americano. Os aliados prometem cumprir a meta dos 2%, que apenas a França cumpre.



centro e leste da Europa dos meios de uma brigada blindada. A Aliança terá ainda de criar uma Força de Reacção Rápida de elevado nível de prontidão.

Junker fala na hipótese de um Exército Europeu – como um instrumento dissuasor e que possa ser um actor mais credível – porque sabe que a integração europeia foi inicialmente pensada para ser iniciada pela área da Defesa<sup>23</sup> que, no entanto, acabou por dar origem à Comunidade Económica Europeia. Não resultou, porque a UE não foi pensada como unidade geopolítica e os seus Estados membros não estão na disposição de deixar de controlar a Defesa como último reduto da soberania nacional.

Os burocratas das instituições europeias e o poder político deviam saber que as FA não se preparam de improviso e os níveis de prontidão não aparecem por geração espontânea. Exigem a decisão política adequada, o estudo militar, o planeamento estratégico e operacional com o tempo, preparação técnica e manutenção do treino.

A crise da Ucrânia acaba por ser mais importante para Portugal do que parece. É longe e simultaneamente perto. Estamos integrados num espaço político, económico e militar que garante uma série de aspectos a nível nacional. O que está em jogo na Ucrânia é saber quais as regras e que papel a UE e a NATO têm, que afectam Portugal.

A nossa integração no espaço europeu tem de ser vista também na geografia atlântica, que vai regressar ao centro da política mundial. Ou seja, somos um País, euro-atlântico e como é que vamos conseguir alguma autonomia estratégica e económica, que aquelas duas alianças nos permitem ter. Mas para isso terá que haver mudanças no alinhamento do governo português em relação à liderança da Alemanha na governança europeia. *“Portugal conseguirá ser na Europa o que conseguir ser fora dela”* (Luís Amado). Há uma série de países que procuram maior espaço de manobra que assenta no pressuposto da continuação da globalização que não pode ser posta em causa pela crise da Ucrânia.

A crise ucraniana gerou uma dinâmica política diferente da esperada por Putin. Tem gerado, sobretudo a percepção de que a Europa e EUA são mais fortes unidos obrigando a reforçar laços de união ao nível político. A crise permitiu que os EUA reorientassem a sua estratégia em relação à Europa – sem deixar de continuar a prestar atenção à região Ásia-Pacífico – reforçando a Aliança Transatlântica com a revalorização da importância estratégica da NATO.

Além disso, tendo em conta os constrangimentos da dependência energética da UE em relação à Rússia, foi antecipado um importante acordo económico na relação entre os dois blocos (Parceria Transatlântica para o Comércio e Investimento). A geopolítica da energia<sup>24</sup> assume importância à escala mundial e a UE é obrigada a rever a sua política da integração e segurança energética que é um factor da política externa – elemento estratégico da política dos Estados – que condiciona a segurança nacional.

---

<sup>23</sup> Iniciativa da França em 1952.

<sup>24</sup> O petróleo é uma matéria-prima (*commodity*) global. Pode vir de qualquer lugar e por qualquer meio.

Neste contexto, importa sinalizar que não é fácil transportar o gás. Tem de ser liquefeito e para isso terá de haver infraestruturas nos Portos. E este é um aspecto importante e estratégico para Portugal que tem infraestruturas portuárias que deverão ser modernizadas e integradas num mercado de grande potencial e futuro para a economia mundial. É tempo da reconciliação com o mar que não pode ficar apenas pelo desígnio nacional.

## **6. O CONFRONTO GEOPOLITICO - A GUERRA PROVÁVEL E A PAZ POSSÍVEL**

No período da Guerra-fria, *"A guerra era improvável e a paz impossível"* (Raymond Aron). Mas a construção da UE tornou realidade a paz durante décadas. Todavia, as coincidências assustadoras das circunstâncias, que antecederam as anteriores Guerras Mundiais, deviam ser motivo de inquietação.

Nos últimos anos todas as intervenções políticas internacionais por iniciativa do Ocidente – sempre com objectivos duvidosos –, utilizaram, aceleraram ou desencadearam crises internas e foram mal resolvidas deixando um rasto de destruição e perdas enormes com custos humanos e materiais. A crise de segurança vai-se alargando e há um cinturão mediterrânico do Norte de África até à Turquia que se estende até à fronteira com a Rússia e conduz a uma tensão muito grande na Europa do Leste.

Como dizia o falecido General Espírito Santos *"É sempre mais fácil entrar num conflito do que sair dele"*. As operações militares podem terminar, mas o conflito pode continuar por outras formas, tais como terrorismo, subversão, interferências económicas ou actos de desobediência civil. E acrescentava *"O final dum conflito e a sua resolução não são a mesma coisa"*.

Não é só Putin que está *"fora da realidade"*, como disse Merkel, os EUA e UE ainda não reconheceram que a realidade mudou para muito pior – caminha para uma desastrosa desordem internacional - e não sabem gerir a crise ao nível político-diplomático como seria exigível ao maior poder militar e económico dos dois maiores blocos do sistema internacional para assegurar a sua credibilidade internacional e preservar a paz.

Obama já demonstrou que continua a ser uma potência do Pacífico e definiu a China como o seu principal desafio estratégico tentando acalmar os europeus com a justificação de que essa relação vai determinar a ordem internacional do século XXI. A estratégia de Obama não difere do seu antecessor e assenta numa política de cooperação e contenção.

O conflito da Ucrânia exigia a diplomacia de Kissinger – com estadistas sem mediação e evitando a ignorância - que defendia não aproximar a NATO às fronteiras da Rússia incentivando um estatuto de neutralidade para a Ucrânia (como na Finlândia), que foi renunciado pelo Parlamento e que o MNE Russo considera *"uma provocação e "um perigo para a segurança europeia"*.

A nova Política externa Russa priorizou as relações com o exterior próximo (vizinhança próxima). A concepção de *Eurasianismo* na reemergência da Rússia como Estado forte e dominante na Eurásia com o seu nacionalismo e expansionismo - que visam a ampliação da sua área de influência – com controlo do espaço pós-soviético à fronteira dos interesses asseguram relação directa com a projecção de poder. As motivações geo-económicas e geopolíticas, como a

União Aduaneira e o projecto da União Económica Euro-asiática, permitirão concretizar a reconstrução do “novo Império”. Os recursos energéticos têm sido utilizados inteligentemente como arma política de persuasão e negociação na influência externa dos processos de integração e cooperação.

A Rússia iniciou um processo de integração no espaço pós-soviético, criando a Organização do Tratado de Segurança Colectiva (*Collective Security Treaty Organization – CSTO*)<sup>25</sup>. É uma aliança militar semelhante à NATO que também prevê a agressão contra um membro será entendida como um ataque contra todos os seus sete membros. Há uma nova configuração do poder geopolítico da Rússia, que tem a sua expressão ao nível regional na Organização para Cooperação de Xangai (SCO), com base no princípio fundamental do inimigo comum: a rejeição do “Atlantismo” e controlo estratégico unipolar dos EUA. Este impulso civilizacional comum será a base de uma união política e estratégica.

Sendo a China o motor da SCO passou a existir uma maior dinâmica na CSTO com plena eficácia na sua actuação. O mutualismo daquelas duas organizações tem servido para reforçar ambas e permitido que algo até agora impensável preocupasse o Ocidente: a relativização da primazia dos EUA no cenário euroasiático.

A origem da crise na Ucrânia no confronto geopolítico também está relacionada com os espaços de influência na Ásia pelas grandes potências. Esta ambição preocupa os EUA que não querem ver duas grandes potências na Ásia: China e Rússia. Putin recorre à ideia fracassada de Obama de formar um G2 com a China, e fortalece seus laços com o grande vizinho.

Neste contexto, são de eficácia reduzida a “manipulação” das oligarquias e máfias pelo ocidente que o regime autocrático de Putin (treinado pela KGB) e os seus serviços secretos (FSB e SVR) controlam de forma eficaz com a contra-informação e sabem tirar proveito do que a CIA tem andado a fazer na Ucrânia. O novo poder ucraniano é frágil e permanece refém do poder dos oligarcas que Putin sabe acorrentar.

## **7. ESTRATÉGIA DE PUTIN – EURASIANISMO. ERROS DE AVALIAÇÃO**

Ao contrário do Império Russo ou da União Soviética, a estratégia de Putin<sup>26</sup> consiste em aproveitar as relações estabelecidas numa base de mutualidade sem

<sup>25</sup> Criada em 1992 pelo Tratado de *Tashkent*. A CSTO é uma Organização que preocupa a NATO sendo constituída pela Arménia, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Rússia e Tajiquistão e o Uzbequistão (2006).

<sup>26</sup> Desde que Putin assumiu a presidência da Rússia (1999), a política externa alterou-se com aproximação ao Eurasianismo, cujo Partido Eurasiano foi fundado por Dugin em 2002, com apoio de Putin. A concepção de Eurasianismo tem em conta a reemergência da Rússia como Estado forte e dominante na Eurásia com o seu nacionalismo e expansionismo - que visam a ampliação da sua área de influência - com controlo do espaço pós-soviético à fronteira dos interesses. As motivações geoeconómicas e geopolíticas, como a União Económica Euro-asiática, permitirão concretizar a reconstrução do “novo Império”. A grandeza da Rússia resultava de ser, simultaneamente, uma potência europeia e asiática. Projecção do poder e influência na vizinhança próxima (países da antiga União Soviética), usando um misto de hard power (força militar) e os recursos energéticos de forma inteligente como arma política de persuasão e negociação na influência externa dos processos de integração e cooperação económica (soft power). E os interesses estratégicos da Rússia devem ser orientados de um modo antiocidental em que a Rússia não poderá subsistir fora da sua essência imperial, em virtude da sua localização geográfica e do seu caminho histórico.

contudo se responsabilizar pelos outros Estados. Proporcionar o alinhamento económico e garantir a profundidade estratégica. Existem três realidades russas que “incomodam” os EUA, dentre os quais se inclui o pensamento de Dimitri Trenin<sup>27</sup> (Lei da ponderação EUA-Rússia): em primeiro lugar, a autoridade interna do presidente Putin; em segundo lugar, a consolidação da relação de forças da Rússia no cenário internacional e, por último, o crescente papel de Moscovo na geopolítica da energia.

O novo eurasianismo de Putin é um projecto estratégico, geopolítico e de integração económica do norte do continente eurasiático. As suas bases ideológicas atestam que a Rússia pós-soviética, para dominar o espaço eurasiático, necessita construir um Estado multiétnico e multirreligioso, promover alianças no plano externo e reforçar o estabelecimento de eixos geopolíticos estratégicos, tais como os eixos Berlim-Moscovo, Moscovo-Teerão e Moscovo-Pequim.

As forças de segurança estão novamente no centro do Estado, Moscovo domina a Rússia e esta está a movimentar-se com vista a dominar a antiga União Soviética. O seu principal adversário, os EUA, está distraído, e a Europa está fraca e dividida. O apoio do novo governo de Atenas a Moscovo é visto por Putin apenas como o início do processo de fragmentação da Europa.

A Grécia não é só um problema financeiro, mas um problema europeu, essencialmente, geoestratégico e geopolítico pela sua importante posição estratégica. E mesmo países que não estão têm uma palavra a dizer. O que está hoje em debate na Europa é o efeito de saída da Grécia que Junker nem sequer equaciona e Schauble o acusa de “minar a estratégia negocial alemã”. A liderança europeia não se entende perante um grave problema. Como confiar nesta gente? Para além da catástrofe económica em Paris e em Bruxelas, os EUA não aceitariam a saída da zona euro pelo que alteraria de posicionamento geoestratégico daquela área vital para a Europa e EUA.

O presidente Obama tem pressionado os responsáveis europeus para que resolvam rapidamente o problema. Deixada à sua sorte, a Grécia poderia inclinar-se cada vez mais para Moscovo quebrando os laços com o Ocidente que a União Europeia garante. A Rússia tem um grande interesse em ver a crise grega agravar-se porque afectaria a zona euro e enfraqueceria a Europa. Convém lembrar que na ilha de Creta estão instaladas as capacidades de comando e controlo e apoio logístico aos EUA e à NATO<sup>28</sup>. A Europa já perdeu, por culpa própria e alheia, a Rússia, já perdeu a Turquia e não convinha que perdesse a Grécia empurrando-a para a Rússia

Evidentemente, a Rússia é economicamente disfuncional, mas isso tem sido assim durante séculos e tal não significa que a Rússia venha a ser sempre fraca.

---

<sup>27</sup> TRENIN, Dimitri é Director do “Centro de Estudos *Carnegie*”, em Moscovo, e também preside ao Programa de Política Externa e de Segurança do Conselho de Investigação ao nível governamental. Serviu nas FA russas (1972-1993), tendo experiência como oficial de ligação na área de relações externas e com um membro da delegação de conversações sobre armamento nuclear entre os EUA-União Soviética (1985-1991). Foi ainda Instrutor no Departamento do Instituto Militar de Estudos de Guerra.

<sup>28</sup> Acordo relato do “Guardian”.

Por enquanto, a Rússia contenta-se em ser forte naquilo que a sua estratégia designa por "Vizinhança Próxima".

Para a Rússia, a principal preocupação estratégica consiste em dominar a ex-União Soviética sendo essencial a Ucrânia, através de um longo e complexo jogo político e económico que está a decorrer para atingir esse objectivo. Em segundo lugar, reafirmar a sua força na Ásia Central. E por último, tentar controlar os países bálticos, onde a Rússia ainda não actuou. A Política Externa da Rússia está construída em torno da necessidade de ganhar tempo de forma a poder completar a sua evolução.

A crise na Europa é igualmente benéfica para a Rússia. O mal-estar que a Alemanha tem com a UE ainda não originou – e pode nem vir a originar - uma ruptura. No entanto, esse mal-estar da Alemanha abre oportunidade a outros parceiros, em parte para aliviar a pressão sobre a Alemanha e em parte para criar opções. A Alemanha depende das exportações energéticas russas, e apesar destas poderem vir a diminuir nos próximos anos, a Rússia está de momento a lidar com o seu futuro imediato.

As preocupações estratégicas da Rússia passam por, em primeiro lugar, os russos manterem os EUA distraídos e a intervenção russa no Médio Oriente serve esse propósito. Em segundo lugar, A Rússia deve "garantir" o Ocidente, chamando a Alemanha para um relacionamento económico mutuamente benéfico sem gerar uma maior resistência por parte da Polónia ou um incremento da presença norte-americana no país.

Putin é astuto e sofisticado no envolvimento da diplomacia sendo conhecido por "homem espelho" pela capacidade de usar pensamentos de interlocutores em seu favor. As consequências das suas decisões, para a segurança e defesa e mapa global da energia serão imensas.

Putin cometeu dois graves erros: de avaliação sobre a coesão entre a UE e EUA falhando o seu objectivo de dividir o Ocidente, apesar de inicialmente terem divergido na abordagem e gestão da crise; e as ameaças de intervenção militar em defesa da minoria russa alimentou as ambições separatistas no leste da Ucrânia fomentando uma revolta sangrenta que é de difícil controlo e vai a caminho da guerra civil.

## **8. RESPONSABILIDADE DE PROTEGER E PROTECÇÃO HUMANITÁRIA. TÁTICA RUSSA**

Putin reclama para a Rússia o direito e o dever de defender os cidadãos de etnia russa dos países vizinhos, especialmente à luz das arbitrariedades das actuais linhas fronteiriças. As populações russófonas ao clamarem por um regresso à Rússia, obrigam Putin a atender ao apelo. E tem recordado de forma incisiva que o Leste da Ucrânia era chamado de "Novorossiya" (Nova Rússia) durante a vigência Czarista. Está a prejudicar as perspectivas económicas da Rússia ao mesmo tempo que confronta o mundo como uma crescente ameaça de guerra aberta.

A renovação da confrontação intensifica o novo ciclo de violência. A escalada é criticada por Moscovo com a preparação de Kiev para a guerra – mobilização, movimentação de equipamentos e aumento de apoio externo. Se o recente

cessar-fogo for estável o conflito entra numa nova fase sendo concretizado o Plano de Putin (10% do território com estatuto especial) – de região federal. Entra em exercício a velha tática já utilizada no espaço pó soviético de congelar o conflito.

A tática russa parece ser o alargamento da zona de conflito obtendo um corredor que ligue a Crimeia à Rússia com três cenários possíveis que visam assegurar a federalização ou neutralidade da Ucrânia: i) confrontação com interacção activa da diplomacia que permita garantir o congelamento do conflito. Isto é, a eternização das conversações como acontece na Transnístria (Moldávia) em que Moscovo tem uma parte do território controlada por gente da sua confiança. (mais provável); ii) Impedir a estabilização da situação obrigando através de actos sofisticados de subversão à neutralização da Ucrânia (provável); iii) regresso ao conflito em grande escala com intervenção activa das FA russas de consequências imprevisíveis para a Europa (possível).

Parece que a Rússia pretende invocar o dever de ingerência - obriga a estabelecer parâmetros de solidariedade global - e passou a ter como responsabilidade de proteger que obriga os dirigentes políticos a terem responsabilidade no âmbito da protecção humanitária, mas também com os cidadãos do mundo vulneráveis.<sup>29</sup>. E nestas circunstâncias o que ali se passa é caracterizado como intervenção humanitária, presença militar ou simplesmente uma invasão e incursão.

No Plano militar ficou claro que o assalto nas cidades de Luganska e Scastaya, nó ferroviário de Debaltseve, aeroporto de Donetsk e cidade portuária de Mariupol, no Mar de Azov, fazem parte de renovados objectivos estratégicos de Moscovo. A Rússia leva vantagem militar no terreno e pretenderá criar um outro enclave em território ucraniano que prive Kiev das suas principais indústrias e nós ferroviários e logísticos alargando a sua esfera de influência na região entre os países bálticos e o Mar Negro. Apesar de Moscovo se sentir ameaçada pela UE e NATO terá sempre a vantagem geográfica

Por outro lado, o dispositivo russo com unidades militares convencionais e cerca de 30 mil soldados que se deslocam com celeridade e mobilidade para junto da fronteira da Ucrânia Oriental tem um enorme poder de dissuasão, demonstrando a supremacia geográfica sobre a metade da Ucrânia que é pró-russa, bem como sobre as grandes reservas de gás de xisto. A Ucrânia depende das reservas energéticas da Rússia para alimentar a sua economia. Em síntese: utilizará todas as vantagens geográficas, linguísticas e energéticas para enfraquecer o Estado ucraniano; A Ucrânia está demasiado exposta à Rússia e na sua área de influência – os EUA sabem desta realidade – para alguma vez permitir um alinhamento com o Ocidente.

A chegada do influente Vladimir Antyufeyev<sup>30</sup> ao Leste da Ucrânia anuncia que os profissionais leais ao Kremlin controlam agora os separatistas e unidades russas

---

<sup>29</sup> Este conceito polémico já foi utilizado em 200 pela ONU em conflitos armados (relatório "intervenção e soberania) e parece agora ter sido reclamado por Putin.

<sup>30</sup> ANTYUFYEV, Vladimir - nasceu na cidade siberiana de Novosibirsk e é formado pela Academia de Polícia do Ministério do Interior soviético sendo um veterano separatista pró-russo na Moldávia, Agora como major-general está no comando dos rebeldes no Leste da Ucrânia por interferência dos serviços secretos russos (FSB), no sentido de Moscovo passar a exercer mais influência sobre os separatistas

bem equipadas com elevado grau de prontidão. Nesse sentido houve movimentações nos serviços secretos e de segurança, nomeadamente no Serviço de Segurança Federal (FSB) no sentido de um maior alinhamento com o Ministério do Interior.

Neste contexto, a visita, em privado, à Casa Branca do director do FSB (Bortnikov) com o presidente Obama,<sup>31</sup> há algumas semanas, segue-se a uma reunião semelhante realizada em Maio do ano passado com um antigo espião da KGB-FSB (Nikolai Patrushev). Esta visita não deixa de ser preocupante, porque os seus detalhes não foram difundidos nem revelados pelos canais normais. Através da STRATFOR sabe-se que estará na sua base um relatório dos serviços de segurança russos em que o líder dos EUA tem “aconselhado em privado” ao presidente Putin “que se aproxima uma guerra global” (...) e ele “pode ser impotente para a deter”.

A escolha do presidente Obama para se encontrar com o Diretor Bortnikov – pelas semelhanças com a CIA – deve-se ao facto do Director do FSB saber as vantagens e desvantagens da Rússia em dar apoio aos separatistas e saber como os serviços secretos dos EUA se movem na região. Além do mais, sendo um economista entende a pressão criada pelas sanções ocidentais sobre a Rússia e tem o conhecimento abrangente necessário para discutir todas estas questões em Washington.

Com o presidente Putin, e outros altos funcionários políticos e militares de topo, mantendo-se sob a “proteção” do Ministério da Defesa – por isso Putin andou desaparecido durante uma semana -, devido aos receios de um lançamento nuclear contra a Federação Russa. A este enredo horrível descoberto pelo FSB terão sido dado início os procedimentos de segurança para evitar a “guerra total”. Ou estamos apenas perante a sofisticada contra-informação russa?

## **9. ATLANTISMO E EURASIANISMO – DOMINIO DA EURÁSIA**

A UE foi construída contra a geopolítica para conter o poder da Alemanha. Porém, a assimetria de poderes, e os problemas estruturais da zona euro, transformaram a UE num “cenário de guerra” intolerável com danos colaterais elevadíssimos. E forças centrífugas que conduzirão à sua desagregação.

O euroliberalismo conservador, permitiram à Alemanha com a sua estratégia neo-mercantilista egocêntrica, regressar ao passado, concentrando toda a capacidade económica da Europa. Tem evidenciado pensamento geopolítico e, desde 1945, volta a sentir o perigoso poder do unilateralismo germânico. Mas,

---

apesar do “jogo de espelhos” que é feito na diplomacia mediatizada. Durante 20 anos desempenhou o cargo de “ministro da Segurança do Estado”. Liderou também uma unidade de elite da polícia lá, que tentou uma ofensiva contra o movimento de independência da Letónia. É uma personalidade que reúne facilmente cossacos, voluntários e outros paramilitares pró-russos. Encontra-se na Lista negra da UE (<http://www.bbc.com/news/world-europe-28546157>).

<sup>31</sup> Este procedimento de Obama se encontrar (em privado na Casa Branca) poderá estar relacionando e é compreensível com o **contexto de uma crise semelhante entre a Rússia e os EUA**, que ocorreu no início de 1960, quando o então presidente John F. Kennedy escolheu usar canais fechados indirectos tanto com Cuba e Moscovo para desarmar a Crise dos Mísseis de Cuba por não confiar nos belicistas do seu próprio país, no Pentágono e do Congresso.

mais grave, é o enfraquecimento dos principais parceiros, a França e Reino Unido.

Assistimos também ao confronto geopolítico impiedoso pelo domínio da Eurásia por duas vias antagónicas - o Atlantismo e o Eurasianismo - e arriscadas doutrinas com o primado da geofinança sobre a política sem dimensão humana.

A Rússia com o seu impulso expansionista está a tentar reconstruir as fronteiras da Europa à força e sendo arriscada a sua atitude não menos é a do Ocidente que deu motivos a este tipo de intervenções. As partes não estão interessadas em nenhum cessar-fogo enquanto não estiverem interessadas na paz e na sua verificação, que só é credível por uma força da ONU.

Todos os intervenientes sabem que para o cessar-fogo ser eficaz tem de haver uma força de interposição da ONU, robusta, imparcial e aceite pelas partes que assegure a verificação e fiscalização dos acordos. Para isso, necessita de uma estrutura de Comando e Controlo com forte suporte logístico que garanta o apoio humanitário. E devia incluir países, cuidadosamente seleccionados e sem interesses na região, incluindo um afastamento das forças da NATO e forças Russas das fronteiras de interesse. A OSCE nunca esteve vocacionada para conflitos desta dimensão e complexidade.

A dificuldade para os EUA reside, pois, em encontrar o exacto equilíbrio que permita, por um lado, associar ao poder da força o poder da legitimidade sem minar a relação de forças regionais.

Por outro lado, é perturbadora a submissão ao grupo de países (G20), sem legitimidade para o exercício da governança, invadindo prerrogativas de organizações internacionais, nomeadamente Conselho de Segurança da ONU bloqueadas pela tecnocracia do globalismo.

A UE sem liderança tem sido conduzida pelos interesses divergentes da Alemanha e EUA com mútua contenção. A nova pareceria estratégica da Rússia com a China, países da América latina e, dentro de algum tempo, o dinâmico eixo Berlim-Moscovo contraria a ambição dos EUA de isolamento da Rússia.

Curiosamente, a grande preocupação de Mackinder era a provável aliança entre a Rússia - potência que controlava os recursos - e a Alemanha com capacidade económica e tecnológica, por constituir uma ameaça ao equilíbrio de forças na Eurásia.

Após 1990, a Alemanha unificada com poder acrescido, tornou-se o elo de articulação entre a UE, os EUA e a Rússia, na medida em que, a forma como a Alemanha definia a sua relação com a Rússia tinha repercussões sobre como estes atores que lidavam com Moscovo. Foi o que se verificou quando, em 2008, Berlim vetou o processo de alargamento da NATO à Geórgia e Ucrânia por considerar as sensibilidades do vizinho russo e possíveis repercussões sobre a estabilidade da ordem europeia.

Ter Berlim como o interlocutor preferencial no relacionamento com a UE, e, em menor grau, na relação com a NATO e os EUA, era um trunfo da diplomacia russa na relação com o Ocidente euro-atlântico que poderá estar em causa.



Contudo, as relações dos EUA com a Rússia e com a Alemanha serão, nos próximos anos, um *"factor de distanciamento ou tensão entre alemães e americanos"* (Friedman)<sup>32</sup>, que vão afectar a UE. É inquietante a perspectiva das potências dominantes que tendem a minar a relação de forças dos equilíbrios regionais em nome do equilíbrio de poderes.

Às iniciativas estratégicas dos EUA o Império do meio tem respondido com uma ampla cooperação bilateral para neutralizar a penetração dos americanos e incrementar a segurança na região eurasiática.

A *"Stand Solid Behind"*, de Obama, é a Estratégia centrada no Mar Negro, com limitação do controlo da Rússia sobre a energia, ajuda militar à Ucrânia assegurando, prioritariamente, a defesa da Polónia e desenvolvimento de capacidades navais à Roménia com especial apoio à Turquia. Forte desafio a Putin!

Moscovo só tem duas opções: continuar a destabilizar com sucesso incerto ou negociar com Kiev a neutralidade da Ucrânia, sem presença militar estrangeira, garantindo a sua integridade territorial.

## 10. **SINTESE CONCLUSIVA**

Temos hoje uma realidade mundial crescentemente caótica, onde a unipolaridade protagonizada pelos EUA depressa cedeu à emergência de novos actores globais e locais, sem que um novo paradigma da ordem internacional os possa enquadrar. Todas as tendências apontam no sentido de um mundo multipolar, onde os interesses económicos deverão estar no centro das disputas entre os vários blocos, de que a Europa também faz parte.

Neste mundo, cada vez mais imprevisível e volátil a lógica geopolítica, que conduziu a guerras abertas no passado, tem elevada probabilidade de desenvolver num futuro próximo, para o qual quem tem poderes, não se preparou para enfrentar os riscos.

A Europa e os EUA têm de reagir, em conjunto e decididamente, porque em jogo está não apenas o futuro da Ucrânia, dos países da Europa oriental e da Rússia, mas também o futuro da Europa e da aliança transatlântica. A questão da guerra e da paz regressou inesperadamente ao continente, com o risco de uma divisão da Europa. A nossa única esperança é que todas as partes envolvidas retomem o respeito pela primazia dos princípios do direito internacional, que abandonaram há demasiado tempo.

No médio prazo, a política de "confronto estratégico" da Rússia perante o Ocidente vai ter custos muito elevados, porque bloqueará a sua própria modernização sendo de prever um conflito prolongado. A Europa, e mais tarde a Rússia, vão pagar um elevado preço.

Contudo, terá havido conversações secretas muito avançadas entre Moscovo e Washington para adoptar uma nova Constituição na Ucrânia, tendo em vista um

---

<sup>32</sup> FRIEDMAN, George- Cientista americano e político nascido na Hungria; autor de diversos livros, como "Os próximos 100 anos", "Próxima década", "Guerra Secreta da América". Fundador da empresa STRATFOR (*Intelligence*).

governo de coligação, sem extremistas neonazistas, assegurando um *status* de neutralidade na Ucrânia. Seria uma saída honrosa para Obama e Putin.

Neste âmbito, a visita em privado à Casa Branca do director do FSB (Bortnikov) com o presidente Obama em que este referiu, em privado, ser impotente para deter uma guerra global, que se aproxima, parece estar articulada com os serviços secretos e ser mais uma forma inteligente de tentar derrubar Putin. A propaganda ocidental fala de um possível golpe de Estado na Rússia contra o presidente Putin. Mas, depois de toda esta história rocambolesca, nada se manterá igual na Ucrânia e Federação Russa. Podem os canais fechados indirectos terem dado o contributo decisivo para a resolução do conflito.

A alteração do paradigma da confrontação pela confiança e convergência é um desafio. Obama aclamou: "*os EUA são a única Nação indispensável*". Mas este é o dilema do papel global dos EUA. E, na construção da paz, ninguém está dispensado como já demonstrou o Papa Francisco.

A actual crise na Ucrânia e a crise nas relações entre o Ocidente e a Rússia são um momento definidor de um novo relacionamento entre todos os actores políticos do espaço euro-atlântico e constitui o mais importante desafio estratégico das últimas décadas, cuja resposta não pode ser meramente política. A guerra não é política por outros meios. Guerra é caos e sofrimento.